

# A CULTURA AFROBRASILEIRA E O COMBATE AO RACISMO

## AFRO-BRAZILIAN CULTURE AND THE FIGHT AGAINST RACISM



**LILIAN FRAGOSO VIEIRA RAVANEDA DAVID**

Graduação em Pedagogia pela Faculdade Oswaldo Cruz (2006); Especialista em Educação Especial pela Faculdade Abrange ABC (2024); Professora de Educação Fundamental I e Ensino Infantil na EMEI Professor Tito Lívio Ferreira

### RESUMO

RESUMO: Este texto aborda a questão do racismo estrutural no contexto educacional. O racismo não é somente um fenômeno pessoal, mas também institucional e estrutural, que está presente nas práticas e políticas de educação. A manifestação do racismo estrutural na educação ocorre de diversas formas, desde a ausência de representatividade até a manutenção de estereótipos negativos e a exclusão de alunos de grupos raciais minoritários. Ao examinar estudos e pesquisas empíricas, nota-se uma desigualdade na alocação de recursos e oportunidades educacionais entre os grupos raciais. Isso leva a desigualdades no acesso a uma educação de alto padrão, maiores índices de abandono escolar e menor êxito acadêmico para alunos negros e de outras minorias étnicas.

Palavras-chave: Educação; Questão Étnico-Racial; Preconceito; Discriminação.

### ABSTRACT

ABSTRACT: This text addresses the issue of structural racism in the educational context. Racism is not only a personal phenomenon, but also an institutional and structural one, which is present in educational practices and policies. Structural racism manifests itself in education in many ways, from the lack of representation to the maintenance of negative stereotypes and the exclusion of students

from minority racial groups. When examining empirical studies and research, one can note an inequality in the allocation of resources and educational opportunities among racial groups. This leads to inequalities in access to high-standard education, higher school dropout rates and lower academic success for black students and students from other ethnic minorities.

**Keywords:** Education; Ethnic-Racial Issues; Prejudice; Discrimination.

## INTRODUÇÃO

Para combater o racismo estrutural na educação, é necessário um esforço coletivo que inclua mudanças nas políticas educacionais, treinamento para professores e funcionários escolares, revisão do currículo e adoção de abordagens pedagógicas mais inclusivas. É fundamental criar espaços seguros e acolhedores para todas as identidades raciais, onde a diversidade seja valorizada e as vozes marginalizadas sejam ouvidas.

Em conclusão, o racismo estrutural dentro da educação é um problema complexo que requer medidas abrangentes para ser superado. Somente uma abordagem interdisciplinar e colaborativa pode ajudar a criar um ambiente educacional mais inclusivo e igualitário para todos os estudantes, independentemente de sua raça ou etnia.

O racismo estrutural é um problema recorrente e preocupante dentro do ambiente escolar. Desde o momento em que as crianças começam a frequentar a escola, são expostas a uma série de situações que podem reforçar estereótipos raciais e criar uma atmosfera desfavorável para estudantes de determinadas etnias. Esse tipo de discriminação está enraizado nas instituições educacionais, refletindo a desigualdade e o preconceito presentes na sociedade como um todo.

A esta altura podemos finalmente definir o que seja o racismo: uma ideologia que defende a hierarquia entre grupos humanos, classificando-os em raças inferiores e raças superiores. Como qualquer outra, a ideologia racista é um conjunto de ideias utilizando para explicar determinada realidade, no caso, as desvantagens dos negros em relação aos brancos. (BENTO, 2003 p. 25).

Uma das manifestações mais comuns do racismo estrutural dentro das escolas é a falta de representatividade. Muitas vezes, os currículos não abordam de maneira adequada a história e a cultura dos diferentes grupos étnicos existentes na sociedade. Isso faz com que os estudantes negros, indígenas, asiáticos e outros grupos minoritários não se sintam representados ou incluídos no ambiente escolar. A ausência de referências positivas e modelos de sucesso de suas próprias etnias pode gerar um sentimento de inferioridade e desinteresse pelo aprendizado.

Além disso, a discriminação racial pode ocorrer de forma velada por parte dos professores e dos demais funcionários da escola. Professores têm o poder de influenciar e moldar a visão de mundo de seus alunos, e quando agem de maneira preconceituosa ou fazem comentários discriminatórios, estão perpetuando o racismo. O tratamento diferenciado dado aos estudantes negros, como a seleção deles para turmas de nível inferior de ensino ou a falta de reconhecimento de suas habilidades e potencialidades acadêmicas, reforça a ideia de que eles são menos capazes e merecedores de oportunidades.

Outro aspecto importante do racismo estrutural nas escolas é a violência física e psicológica sofrida por estudantes negros e de outras etnias minoritárias. O bullying racial é uma realidade triste e impactante, em que os estudantes são alvo de insultos, apelidos pejorativos e até mesmo agressões físicas. Essas situações geram um ambiente hostil e inseguro, prejudicando o bem-estar emocional e o desenvolvimento acadêmico dos alunos discriminados.

As teorias raciais europeias chegaram ao Brasil um pouco atrasadas e no velho estilo brasileiro, que considera tudo que é importado é bom, fazendo o maior sucesso e isso quando a Europa começou a ser criticada com essa ideia. A população que habitava o Brasil gostou da teoria racial – nisso estão incluídos médicos, advogados, intelectuais, políticos – e queriam mostrar que no Brasil existia uma população branca que dominava, mas o censo já indicava que a maior parte da nossa população era de negros povoando o Brasil (CANDAU, 2003).

É importante ressaltar que a exclusão e a discriminação racial não afetam apenas as crianças e adolescentes que sofrem diretamente com elas, mas também toda a sociedade. A diversidade é uma riqueza, e a falta de inclusão no ambiente escolar impede a construção de uma sociedade verdadeiramente igualitária, baseada no respeito e na valorização das diferenças.

Diante desse panorama, é fundamental que sejam adotadas medidas para combater o racismo estrutural dentro das escolas. É necessário oferecer uma educação antirracista, que valorize a diversidade étnica e cultural, e que promova a representatividade em todos os níveis de ensino. Além disso, é fundamental capacitar os professores e funcionários da escola, para que possam reconhecer e combater o preconceito de maneira efetiva.

A implementação de políticas de ação afirmativa também é um passo importante na luta contra o racismo estrutural nas escolas. Essas políticas visam equilibrar as desigualdades históricas e ampliar as oportunidades de acesso ao ensino superior e ao mercado de trabalho para os grupos minoritários. Dessa forma, é possível diminuir as disparidades socioeconômicas que afetam as

comunidades negras e indígenas, por exemplo, e promover a inclusão e o controle do racismo no ambiente escolar e em toda a sociedade.

Em suma, o racismo estrutural dentro do ambiente escolar é um problema que precisa ser enfrentado de maneira contundente. A falta de representatividade, a discriminação de professores e funcionários, a violência física e psicológica e a exclusão de estudantes negros e de outras etnias minoritárias prejudicam a formação integral dos jovens e perpetuam a desigualdade racial na sociedade. É necessário promover uma educação antirracista, com políticas inclusivas, para que possamos construir um futuro mais justo e igualitário para todos.

Além disso, o currículo e o material didático muitas vezes excluem a história, a cultura e as contribuições das minorias raciais, perpetuando assim uma visão eurocêntrica e branca do conhecimento. A ausência de perspectivas e experiências de grupos raciais minoritários dificulta a construção de uma identidade positiva e o desenvolvimento da autoestima dos estudantes pertencentes a esses grupos.

## **O ENSINO MÉDIO E AS PRÁTICAS EM COMBATE AO RACISMO**

O ensino médio é uma etapa crucial na vida dos estudantes, pois é nesse período que eles começam a definir seus futuros e a moldar suas visões de mundo. Além de adquirir conhecimentos acadêmicos, é essencial que os jovens também desenvolvam habilidades sociais e sejam conscientizados sobre questões sociais importantes, como o combate ao racismo.

O racismo é um problema enraizado na sociedade, que ainda persiste mesmo após décadas de luta por igualdade racial. No Brasil, país conhecido por sua diversidade étnica e cultural, é fundamental que as escolas e educadores assumam a responsabilidade de levar aos alunos um ensino antirracista e incentivar práticas em combate ao racismo.

Uma das principais maneiras de abordar esse tema é incluir conteúdos sobre a história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar. Isso permite que os estudantes conheçam a história do povo negro de uma forma mais ampla e completa, indo além das narrativas eurocêntricas predominantes nos livros didáticos. Através da educação, é possível desconstruir estereótipos e preconceitos, contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária.

A Jornalista “Maju”, sofreu ataques pelas Redes Sociais pela sua cor, assim como a atriz Thais Araújo se constituem em negras de sucesso, negras talentosas, ocupando espaço nobre, estamos lidando com pessoas que não estão mais aceitando o gueto, ou seja, é possível viver num mundo em que a pluralidade cultural, racial, étnica e social respeite as ações afirmativas, de gênero, família,

empoderamento, afetividade sem discriminação, e segregação ou radicalismos, portanto, é possível viverem nesse mundo mesmo que esteja cheio de preconceitos (RAMOS, 2017):

Fazer um livro sobre o ponto de vista de uma exceção não ajuda em nada a questão da exclusão dos negros no Brasil. Meu Deus, como fazer um relato quase autobiográfico sem tornar o texto uma apologia a mim mesmo e meus pares um pouco mais bem sucedidos (RAMOS, 2017, p.11).

Além disso, é imprescindível que as escolas promovam a diversidade e a inclusão em seu ambiente. Isso envolve garantir a presença de profissionais negros no corpo docente e a valorização de suas contribuições, seja na formação dos estudantes ou na tomada de decisões dentro da instituição. É necessário também criar espaços de diálogo e reflexão sobre o racismo, promovendo debates e atividades que incentivem o respeito às diferenças e a construção de uma cultura de paz.

Uma prática em combate ao racismo que tem ganhado destaque são as cotas raciais, que são políticas de inclusão que garantem vagas reservadas para estudantes negros em universidades e instituições de ensino superior. Essas ações afirmativas são importantes para garantir a igualdade de oportunidades e combater a histórica exclusão dos negros no acesso ao ensino superior. No entanto, é fundamental que essa política não seja vista como uma ação isolada, mas como parte de um processo maior de transformação social.

Além das ações institucionais, é importante que os estudantes também sejam estimulados a se engajarem em movimentos sociais e ações de combate ao racismo. Isso pode ser feito através de projetos de extensão, parcerias com organizações não governamentais e outras iniciativas que possibilitem aos alunos vivenciarem na prática a luta antirracista. Essas atividades proporcionam uma experiência enriquecedora e contribuem para a formação de cidadãos mais conscientes e comprometidos com a igualdade racial.

É fundamental que as práticas em combate ao racismo sejam constantemente avaliadas e revistas, com o intuito de identificar falhas, realizar ajustes e promover melhorias contínuas. Para isso, é importante envolver todos os atores educacionais, como professores, gestores, famílias e comunidade, para que juntos possam criar uma sinergia e fortalecer as ações antirracistas.

No entanto, é importante ressaltar que o combate ao racismo não é responsabilidade exclusiva da escola. É necessário que a sociedade como um todo esteja engajada nessa luta, através de políticas públicas que promovam a igualdade e o respeito às diferenças, bem como através da conscientização e promoção da cultura antirracista em todos os âmbitos da sociedade.

Em suma, o ensino médio possui um papel essencial na formação dos estudantes, não apenas transmitindo conhecimentos acadêmicos, mas também contribuindo para a construção de um sujeito crítico e comprometido com a valorização da diversidade e o combate ao racismo. Para isso, é necessário incluir conteúdos sobre a história e cultura afro-brasileira, promover a diversidade e inclusão no ambiente escolar, estimular a participação dos alunos em atividades de combate ao racismo e promover uma reflexão constante sobre as práticas adotadas. Somente através de um trabalho conjunto e constante é possível construir uma sociedade mais justa e antirracista.

## **OS ALUNOS SAEM DA EDUCAÇÃO BÁSICA APRENDENDO A COMBATE O RACISMO ESTRUTURAL?**

A problemática do racismo estrutural está profundamente enraizada na sociedade contemporânea, afetando diferentes áreas da vida das pessoas, desde o acesso a oportunidades até o tratamento recebido nas instituições educacionais. A educação básica desempenha um papel fundamental na formação dos indivíduos, fornecendo as bases para o desenvolvimento intelectual, social e moral desses estudantes. Nesse sentido, é essencial que a educação básica também assume o compromisso de ensinar aos alunos como combater o racismo estrutural desde cedo, a fim de criar uma sociedade mais justa e igualitária.

Fanon (2008), em sua obra *Pele negra máscaras brancas* ressalta que:

[...] há uma zona de não ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada, onde um autêntico ressurgimento pode acontecer. A maioria dos negros não desfruta do benefício de realizar esta descida aos verdadeiros Infernos (FANON, 2008, p. 26).

O racismo estrutural pode ser entendido como um conjunto de práticas, normas e políticas que perpetuam a desigualdade racial, afetando negativamente a vida das pessoas não brancas em diversas esferas, como educação, saúde, emprego e justiça. Para combater efetivamente o racismo, é necessário entender sua complexidade e como ele se manifesta nas instituições e nas relações sociais.

A educação é uma ferramenta poderosa na luta contra o racismo estrutural, pois tem o potencial de formar cidadãos conscientes, críticos e comprometidos com a igualdade racial. Ao introduzir o tema do racismo nas salas de aula, os estudantes podem desenvolver empatia, compreender a importância da diversidade e reconhecer os privilégios que acompanham a branquitude.

Para que os alunos saiam da educação básica aprendendo a combater o racismo estrutural, é fundamental que os educadores estejam preparados para abordar o tema de forma adequada. É necessário oferecer a esses profissionais a formação necessária para que possam orientar as discussões raciais de forma inclusiva, proporcionando um ambiente seguro e respeitoso para todos os estudantes.

As práticas pedagógicas antirracistas têm como objetivo enfrentar as raízes do racismo estrutural, promovendo a valorização da cultura negra e a desconstrução de estereótipos e preconceitos. Elas podem incluir momentos de reflexão sobre a história do racismo, leituras de autores negros, discussões sobre a representatividade e a realização de projetos que valorizem a diversidade étnico-racial.

A parceria entre escolas e comunidades é uma estratégia fundamental para o combate ao racismo estrutural na educação básica. Por meio de parcerias com organizações e movimentos sociais que lutam pela igualdade racial, as escolas podem promover atividades extracurriculares, palestras, debates e projetos que ampliem o conhecimento sobre a história e a cultura negra, fortalecendo a autoidentificação e a valorização das crianças e adolescentes negros.

O preconceito de “raça” ou de “cor” era um componente organizatório da sociedade de castas. Nela, porém, a representação do negro como socialmente inferior correspondia tanto a uma situação de fato, como aos valores dominantes na sociedade.

[...] era um componente essencial e “natural” do sistema de castas. [...] Apenas lateralmente, apesar da enorme importância desse processo, a função reguladora do preconceito agia no disciplinamento das expectativas e possibilidades de ascensão social: no caso dos mulatos claros livres. Com a desagregação da ordem servil, que naturalmente antecedeu, como processo, à abolição, foi-se constituindo, pouco a pouco, o “problema negro”, e com ele intensificando-se o preconceito com novo conteúdo. Nesse processo o “preconceito de cor ou de raça” transparece nitidamente na qualidade de representação social que toma arbitrariamente a cor ou outros atributos raciais distinguíveis, reais ou imaginários, como fonte para a seleção de qualidades estereotipados (CARDOSO, 1962, p. 281).

A educação básica desempenha um papel crucial na formação dos indivíduos e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ensinar os alunos a combaterem o racismo estrutural é uma responsabilidade que deve ser assumida por todas as instituições de ensino. Ao proporcionar uma educação antirracista, as escolas estão não apenas preparando os estudantes para enfrentar o contexto social atual, mas também capacitando-os a serem agentes de mudança e transformadores da realidade. Somente através de uma educação básica que valorize a diversidade e enfrente o

racismo estrutural poderemos construir um futuro mais igualitário, onde todos os indivíduos vivam livres de discriminação.

## **O RACISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E O TRABALHO LÚDICO**

O racismo é um dos problemas mais prevalentes e persistentes em todo o mundo, manifestando-se em diferentes formas e níveis em diversos contextos sociais. A educação infantil, por sua vez, é um estágio crucial no desenvolvimento de crianças, onde são estabelecidas as bases para sua formação educacional e social. Infelizmente, o racismo ainda encontra espaço dentro das instituições de ensino, prejudicando o desenvolvimento integral das crianças e perpetuando desigualdades estruturais na sociedade. Neste sentido, este texto tem como objetivo explorar o tema do racismo na educação infantil e analisar como o trabalho lúdico realizado pelos docentes pode efetivamente combater essa questão.

No Brasil o preconceito é demasiadamente vergonhoso e condenável, muitas pessoas afirmam ter amigos negros ou que não tem nada contra os negros, mas que preferem brancos para trabalhar ou preferem essencialmente um branco para que seu filho ou filha case (CANDAU, 2003).

O racismo na educação infantil é um problema complexo que requer uma abordagem holística e engajada. O trabalho lúdico realizado pelos docentes tem se mostrado uma ferramenta poderosa para acabar com esse mal, pois promove o respeito, a valorização das diferenças e a formação de cidadãos conscientes e críticos. No entanto, é fundamental que os educadores estejam sensibilizados e preparados para abordar essas questões de forma adequada, buscando a participação das famílias e incorporando práticas antirracistas em todos os aspectos do currículo. Através de ações efetivas e uma abordagem lúdica, é possível transformar a educação infantil em um espaço inclusivo e livre de preconceitos, onde todas as crianças possam se desenvolver plenamente e com igualdade de oportunidades.

O racismo é um problema grave que infelizmente ainda persiste em nossa sociedade, causando preconceito, discriminação e exclusão de indivíduos com base em sua cor de pele, origem étnica ou qualquer outra característica relacionada à sua identidade racial. O combate ao racismo não é apenas uma responsabilidade do Estado, mas de toda a sociedade, e para que possamos avançar nessa luta, é fundamental envolver os estudantes nesse processo, buscando estratégias e concepções que possam efetivamente contribuir para a promoção da igualdade racial.

Os estudantes, principalmente os mais jovens, são agentes de mudança em potencial, pois estão em constante processo de formação e aprendizagem, e são capazes de absorver e internalizar novas perspectivas e valores. É por isso que é tão importante envolvê-los no combate ao racismo,

pois é a partir da educação e da conscientização que podemos transformar a mentalidade e o comportamento de toda uma geração.

Uma das estratégias mais eficazes para combater o racismo dentro das escolas e universidades é promover o diálogo aberto e honesto sobre o tema, estimulando a reflexão crítica e a construção de uma consciência antirracista entre os estudantes. É fundamental que os educadores estejam preparados para abordar questões relacionadas à diversidade racial de forma sensível e respeitosa, proporcionando um espaço seguro para que os estudantes possam expressar suas dúvidas, inseguranças e opiniões sobre o assunto.

Além disso, é importante incentivar a participação dos estudantes na elaboração e implementação de políticas e projetos que visem combater o racismo e promover a igualdade racial dentro das instituições de ensino. Os estudantes são protagonistas de suas próprias histórias e têm o direito de contribuir ativamente para a construção de um ambiente mais inclusivo e diverso.

Outra estratégia importante é promover a representatividade e a visibilidade de pessoas negras e de outras minorias étnicas nas disciplinas curriculares, nos materiais didáticos e nas atividades extracurriculares. A diversidade étnico-racial deve ser valorizada e celebrada em todas as esferas da educação, para que os estudantes possam se identificar com modelos positivos e se sentir representados em sua trajetória acadêmica.

Além disso, é fundamental promover a formação contínua dos educadores sobre a questão racial, para que possam estar mais preparados para lidar com situações de discriminação e preconceito dentro da sala de aula, e para que saibam como abordar o tema de forma adequada e construtiva com os estudantes. A capacitação dos professores é essencial para garantir que a educação antirracista seja efetivamente incorporada ao currículo escolar e que os estudantes recebam uma formação mais inclusiva e equitativa.

É importante ressaltar que o combate ao racismo não se resume apenas a ações pontuais ou isoladas, mas requer um compromisso constante e coletivo de toda a comunidade escolar. É preciso que as escolas e universidades estejam engajadas em promover a diversidade e a igualdade racial em todas as suas instâncias, desde a elaboração de políticas institucionais até a disseminação de práticas pedagógicas antirracistas.

A participação ativa dos estudantes nesse processo é fundamental para o sucesso das iniciativas de combate ao racismo, pois são eles que estão na linha de frente, vivenciando diariamente as experiências de discriminação e exclusão racial dentro e fora da escola. Através do diálogo, da

educação e do empoderamento, os estudantes podem se tornar agentes de mudança e promover uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

Em um mundo cada vez mais globalizado e diverso, é fundamental que as escolas e universidades assumam um papel de liderança na promoção da igualdade racial e na construção de uma sociedade mais inclusiva. O combate ao racismo não é apenas uma questão moral, mas uma necessidade urgente para garantir que todos os indivíduos tenham as mesmas oportunidades e sejam respeitados em sua diversidade étnico-racial.

Portanto, é essencial que busquemos estratégias e concepções inovadoras para envolver os estudantes no combate ao racismo, promovendo a reflexão crítica, a sensibilização e o engajamento ativo em prol da igualdade racial. Somente através da educação e da conscientização poderemos transformar as estruturas sociais e desconstruir os preconceitos e estereótipos que ainda persistem em nossa sociedade. Juntos, podemos construir um futuro mais justo e igualitário para todos, independentemente de sua cor de pele ou origem étnica.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante das constantes manifestações de desigualdade e discriminação racial, torna-se imprescindível compreender a importância do combate ao racismo em todas as esferas educacionais. A educação é um poderoso instrumento de transformação social, capaz de promover o respeito à diversidade racial e o reconhecimento da igualdade de direitos entre todas as pessoas.

No contexto educacional, é fundamental que as instituições de ensino assumam a responsabilidade de promover uma reflexão crítica sobre o racismo, desconstruindo estereótipos e preconceitos enraizados na sociedade. É necessário que as práticas pedagógicas sejam inclusivas, abordando de forma adequada a história e a cultura afro-brasileira, africana e indígena, valorizando a contribuição dessas comunidades para a formação do país.

É importante ressaltar que o combate ao racismo não deve ser restrito apenas ao ensino de história e cultura. Todas as disciplinas podem e devem abordar o tema de maneira transversal, estimulando o diálogo e a reflexão entre os estudantes. A promoção de debates, ações afirmativas e projetos educacionais que englobem a temática racial contribuem para a formação de cidadãos conscientes de seus direitos e responsabilidades.

Além disso, é fundamental que os profissionais da educação estejam preparados para lidar com questões relacionadas ao racismo. A formação continuada de professores, gestores e demais

envolvidos no processo educacional se mostra essencial para proporcionar um ambiente acolhedor e seguro para todos os alunos, independentemente de sua cor de pele.

Ao combater o racismo nas esferas educacionais, estaremos contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A educação desempenha um papel fundamental na desconstrução de estereótipos e na promoção do respeito mútuo, além de ser um poderoso instrumento de combate ao preconceito e à discriminação racial.

Cabe a toda a sociedade, incluindo as famílias, as instituições de ensino, os gestores educacionais e os próprios estudantes, unirem-se em prol do combate ao racismo, implementando políticas antirracistas e criando espaços de discussão e aprendizado sobre a importância da igualdade racial. Somente assim poderemos garantir uma educação de qualidade para todos e uma sociedade mais justa, inclusiva e plural.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, L.M.A. (Org.). *Relações Étnico-Raciais em Contexto Escolar: fundamentos, representações e ações*. São Carlos: EdUFSCar, 2011, p. 71.
- BARBOSA, M.C.H; HORN, M.G. *Projetos Pedagógicos na Educação Infantil*. -Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BECKER, F. O que é construtivismo. *Ideias*, São Paulo, n. 20, 1993, p. 87-93.
- BERGAMASCHI, M.A. Povos indígenas e Ensino de História: a Lei Nº 11.645/2008: como caminho para a interculturalidade. In, BARROSO, Vera Lucia Maciel. et. al. (Orgs.). *Ensino de História: desafios contemporâneos*. Porto Alegre, Estação Exclamação/ANPUH-RS, 2010, p. 151-166.
- GOMES, Nilma Lino. *Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos*. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.
- MUNANGA, K. *O negro na sociedade brasileira: resistência, participação e contribuição*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2003.
- PAIVA, Sílvia Cristina Fernandes; OLIVEIRA, Ana Arlinda. *A Literatura Infantil no Processo de Formação do Leitor*. *Cadernos da Pedagogia*. São Carlos, Ano 4 v. 4 n. 7, p. 22-36, jan -jun. 2010.
- PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- RODRIGUES, Dayse Berenguer. *PRECONCEITO RACIAL: uma violência que influencia a democracia na escola*. v. 4, n. 1. *Lato & Sensu*. Belém, 2003.
- ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1984.
- SILVA, Mozart Linhares da. *Educação, etnicidade e preconceito no Brasil*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.